

1630

Milão.

Em junho de 1630, durante a epidemia de peste (mais de mil mortos por dia), uma mulherinha (no original italiano, Alessandro Manzoni emprega o termo *donnicciola*) chamada Caterina Rosa observa da janela que um homem de manto preto esfrega as mãos nos muros de sua rua. Ela logo desconfia que se trata de “um daqueles que costumavam ungir as muralhas”. Ou seja, segundo uma antiga crendice, um agente diabólico intencionado a disseminar a peste.

De fato, Caterina Rosa nota que os muros pelos quais o homem passa ficam borrados de uma suspeita banha de coloração amarelada. A notícia corre de boca em boca, surgem novas testemunhas (uma das quais se chama Ortensia, nome flóreo como o de Caterina Rosa), acrescentam-se detalhes incriminatórios.

No dia seguinte, as autoridades sanitárias decidem investigar o caso. A partir da denúncia de Caterina Rosa, descobrem que o homem acusado de ser o untor é um comissário de saúde, um certo Guglielmo Piazza, “genro da comadre Paola”.

Os magistrados submetem-no a um longo interrogatório. Como ele insiste em declarar-se inocente, começam a torturá-lo com um laço que desloca as articulações das mãos e dos braços (ligatura canabis). Manzoni: “Ah, meu Deus!... cortem minha mão... me matem... não sei de nada... já disse a verdade.”

Na terceira sessão de torturas, os magistrados prometem-lhe a liberdade em troca de uma confissão completa. Disposto a inventar qualquer história desde que cessem os tormentos, Guglielmo Piazza declara que o unguento venéfico fora-lhe dado por um barbeiro chamado Giacomo Mora.

Ao revistarem a loja deste último, as autoridades sanitárias encontram dentro de um caldeirão restos de uma misteriosa matéria viscosa e amarelada. O barbeiro afirma tratar-se de mera barrela para a lavagem de roupas, mas os magistrados não acreditam, solicitando o parecer de duas lavadeiras (uma delas chama-se Margherita, mais uma flor). Depois de analisarem a matéria viscosa e amarelada com um bastão, as lavadeiras concluem que aquela barrela havia sido adulterada com alguma “patifaria”.

Giacomo Mora é torturado. Não resistindo à dor, assume a autoria do crime. De acordo com sua confissão, o unto amarelado fora feito com a saliva infectada que o comissário de saúde Guglielmo Piazza recolhera da boca dos cadáveres pestilentos. À saliva, haviam sido adicionados barrela e esterco humano.

O tribunal decreta a sentença de morte contra os unttores. No dia 2 de agosto de 1630, um carro de bois os conduz até o patíbulo. Depois de serem marcados com ferro fervente no

local do delito, sofrem a amputação da mão direita e o suplício da roda, durante o qual seus ossos são fraturados. Ainda vivos, permanecem pendurados de ponta-cabeça por seis horas. A seguir, o carrasco os degola. Os cadáveres são queimados e as cinzas jogadas no rio. A casa de Giacomo Mora é demolida; em seu lugar, erige-se a chamada “coluna infame”, com uma inscrição que recorda o crime pelo qual haviam sido injustamente condenados.

A crença segundo a qual agentes diabólicos tramavam para semear a peste era bastante difusa. Porém os eventos milaneses não se limitam a demonstrar o obscurantismo de uma época. No caso, a boçalidade de Caterina Rosa assume uma configuração bem mais sinistra. Com a ação do tribunal de saúde, que obtém falsas confissões através de tortura, as crendices da multidão ignorante são homologadas, legitimadas, dotadas de arcabouço legal. Desse modo, a irracionalidade de Caterina Rosa contamina o terreno da justiça, destruindo-a.

O tratado em que Alessandro Manzoni reconstrói os eventos milaneses intitula-se História da coluna infame. Ele escreve: “[Caterina Rosa] havia sido a primeira causa do processo, assim como ainda era seu regulador e modelo [...]. Não é estranho que um tribunal se torne seguidor e acólito de uma ou duas mulherinhas [donnicciole], pois quando se penetra na estrada da paixão é natural que os cegos guiem.”

PRIMEIRA PARTE



Manoel Vitorino

O homem está a caminho do cemitério, com o cadáver do filho nos braços, envolto num lençol. De tanto chorar, as lágrimas acabam por ofuscá-lo, de modo que tropeça numa pedra pontuda e rola desastradamente caatinga abaixo. Chama-se Manoel Vitorino. O nome do filho é irrelevante.

O terreno sobre o qual Manoel Vitorino rola é coberto de mandacarus floridos. Os espinhos dos mandacarus dilaceram suas costas, mas o fato de estarem floridos indica que a longa estiagem deve chegar ao fim. A seca domina a paisagem. No costado da caatinga só restam pedras e bodes selvagens, que carpem brotos de uma lavoura deserta.

Manoel Vitorino encontra-se nos arredores da cidade baiana de Morro das Flores, em cujo cemitério pretende enterrar o filho. Caminha com o cadáver nos braços há mais de trinta e seis horas, escalando colinas pedregosas e contornando canaviais queimados, seguindo o leito rachado de antigos rios e dormindo nos casebres abando-

nados por retirantes. Agora o cemitério de Morro das Flores torna-se mais distante, à medida que ele rola pelo costado da caatinga abraçado ao cadáver do filho.

Manoel Vitorino tenta interromper a queda agarrando-se a um ramo seco de mandioca, que logo se despedaça em suas mãos. Adiante, ele avista um bode malhado. No instante em que estende o braço para segurar-se a uma de suas patas, é atingido por um coice.

O lençol que vela o cadáver do filho também se engancha nos espinhos dos mandacarus. Através dos rasgos que estes provocam, despontam as órbitas ocas, os carbúnculos negros e violáceos, as virilhas tumefatas, evidenciando a trágica sucessão de doenças contagiosas que em menos de duas semanas acarretaram a sua morte.

Desde o início da viagem rumo ao cemitério, Manoel Vitorino evitara olhar para o cadáver infecto, mas agora que o lençol se esfacela é obrigado a reviver a dolorosa agonia do filho, marcada por delírios febris, cólicas intestinais e o corpo descarnado sempre retorcido dentro da rede. Manoel Vitorino aperta-o soluçante contra o peito.

O sabor de terra calcária invade-lhe a boca; misturado à terra calcária, Manoel Vitorino também engole um ou outro cupim. Ele recorda os cupins que infestam suas terras e as sementes de feijão e milho perdidas nos dois últimos anos, as colheitas inteiramente devastadas pela seca.

Manoel Vitorino bate a cabeça contra uma pedra e perde os sentidos. Quando volta a si, ainda está rolando pela caatinga, com o cadáver do filho espremido em seus braços. Acredita que jamais irá parar de rolar.

Os diversos elementos que o circundam também começam a se precipitar. Uma avalanche de pedras arrasta consigo bodes malhados, lavouras desertas e mandacarus floridos. A estéril paisagem sertaneja desmorona com Manoel Vitorino. Por um instante, ele espera estar se dirigindo para uma sepultura que o acolha com seu filho.

O que de fato acontece. A sepultura apresenta-se sob a forma de uma cratera provocada pela erosão. Depois de rolar por todo o costado da caatinga, Manoel Vitorino cai dentro da cratera, usando o corpo do filho para amortecer a queda.

A cratera tem oito metros de profundidade. Manoel Vitorino grita pedindo ajuda, mas sabe que dificilmente alguém irá passar pelo lugar, distante de todas as veredas da caatinga. Naquele ambiente circunscrito, o cadáver em decomposição exala um odor intenso e desagradável.

Algumas horas mais tarde, Manoel Vitorino mede o vão entre as paredes da cratera. Em certos pontos, ultrapassa os dois metros de largura; em outros, afunila-se até um mínimo de quarenta centímetros. Manoel Vitorino apóia braços de um lado e pernas do outro e começa a escalar a cratera com pequenos passos laterais. Quando atinge a metade do caminho, as paredes esfrelam-se e ele desaba destroncando o ombro esquerdo.

Passam dois dias.

Ocorre-lhe que a melhor maneira de saciar a fome é devorar o que resta da carne do filho, mas depois de umas poucas dentadas à altura do antebraço e da barriga da perna, teme contaminar-se com as doenças que haviam cau-

sado sua morte. Dorme ao lado do cadáver, repartindo o mesmo lençol.

A incapacidade de preencher a própria mente gera-lhe grande desconforto. Durante o período de isolamento no interior da cratera, a única maneira que Manoel Vitorino encontra para se distrair é observar o desenho das nuvens ou atirar pedregulhos dentro da boca entreaberta do cadáver do filho.

A abertura é estreita. De vinte em vinte pedregulhos, Manoel Vitorino emboca só um.